

# Manuel Bandeira e Cecília Meireles em **Ouro Preto**

Manuel Bandeira And Cecilia Meireles in **Ouro Preto**

LUÍS ROMANO \* [contatori\_romano@yahoo.com.br]

**Resumo** | Este artigo tem como propósito estudar os textos de Manuel Bandeira e Cecília Meireles sobre Ouro Preto, publicados na it *Travel in Brazil*, nos anos de 1940-41, revista editada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda do Governo Vargas e destinada a atrair o olhar do turista estrangeiro. Parte-se das acepções de viajantes definidas por Cristóvão (2002 e 2009) e do conceito de turismo literário, proposto por Hendrix (2014). As impressões que Bandeira e Meireles registram em seus textos serão cotejadas com as de outros viajantes que visitaram Ouro Preto, a partir do século XIX, e também com outros textos dos dois poetas brasileiros, por exemplo, o *Guia de Ouro Preto*, de Manuel Bandeira, publicado pela primeira vez em 1938.

**Palavras-chave** | Manuel Bandeira, Cecília Meireles, revista *Travel in Brazil*, literatura de viagens, turismo literário

**Abstract** | This article aims to study Manuel Bandeira and Cecília Meireles' texts about Ouro Preto, published in *Travel in Brazil*, in the 1940-41 years, magazine edited by the Press and Propaganda Department of Vargas Government and destined to attract the foreign tourist's view. It begins of the travelers meaning defined by Cristóvão (2002 and 2009) and the literary tourism concept, proposed by Hendrix (2014). The impressions that Bandeira and Meireles record in their texts will be compared with those from other travelers who visited Ouro Preto since the 19th century, as well as other texts by the two Brazilian poets, for example, the it *Guia de Ouro Preto*, by Manuel Bandeira, published for the first time in 1938.

**Keywords** | Manuel Bandeira, Cecília Meireles, *Travel in Brazil* magazine, travel literature, literary tourism

---

\* **Doutorado** em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), **Pós-Doutorado** sobre as crônicas de viagem de Cecília Meireles pela Universidade de São Paulo (USP), Pesquisador Produtividade do CNPq e **Professor** de Estudos Literários na Universidade do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa).

## 1. Literatura de viagens e turismo literário

Em *Condicionantes culturais da literatura de viagens*, Fernando Cristóvão (2002) trata da literatura de viagens tradicional, cujo corpus inicialmente é composto por relatos das navegações marítimas a partir de fins do século XV e integra textos de viagens, reais e imaginárias, do mundo medieval. O florescimento dessa literatura ocorreu a partir da invenção da imprensa, que viabilizou o trabalho dos editores para um mercado de leitores curiosos sobre as novas terras conhecidas. Para Cristóvão, o interesse dos leitores resultava da longa distância percorrida pelo viajante, da novidade encontrada e do reduzido número de testemunhas sobre os lugares e os costumes observados.

Em fins do século XIX, o mundo já estava todo mapeado, pois os novos meios de transporte e de comunicação facilitaram a locomoção de pessoas e permitiram a difusão de informações e a possibilidade de confirmação de sua veracidade. Era a decadência do narrador tradicional, com a autoridade que lhe atribui Walter Benjamin (1987), característico do mundo artesanal e mercantil em que costumes e novidades trazidas de outras terras pela voz de um narrador, oral ou escrito, sobrepunha-se à necessidade de comprovação.

Em *Literatura de viagens - da tradicional à nova e à novíssima*, Cristóvão (2009, p. 14) comenta que “desde que Jacques Daguerre inventou, em 1838, os primeiros daguerriótipos, as artes da fotografia impediram muitas línguas e penas de exagerar o que foi visto.” Assim, a reprodutibilidade técnica das imagens, as novas tecnologias de difusão de informações, com o jornal diário e o cinema, e os novos meios de transporte, com o navio a vapor e o trem, vinculam-se a outras formas de registro e de difusão de relatos de viagem. Essa nova Literatura de viagens é composta por narrativas mais breves e de linguagem mais rápida, frequentemente expressando-se por meio da crônica, ligada à publicação na imprensa diária. A nova Literatura de viagens vincula-se à prática do tu-

risimo, florescente no século XIX e paulatinamente massificado no decorrer do século XX.

Assim como havia feito em *Condicionantes culturais da literatura de viagens*, em que apresenta uma tipologia de viajantes tradicionais, Cristóvão (2009), em *Literatura de viagens – Da tradicional à nova e à novíssima*, propõe uma tipologia de novos viajantes: “Viagens de conhecimento do país”, “de exploração colonial”, “Viagens exóticas”, “de aventura”, “de grande reportagem jornalística”, “de repórter de Guerra”, “Viagens culturais”, “de reconstituição histórica”, “de Turismo Religioso”.

Ainda em *Condicionantes culturais da literatura de viagens*, Cristóvão (2002) distingue a Literatura de viagens do tema da viagem na literatura. A primeira é interdisciplinar, abrangendo elementos de literatura, história, antropologia, artes. Já o tema da viagem pode surgir em textos ficcionais, como elemento de enredo ou de cenário, sem se constituir como elemento dominante.

Literatura de viagens tradicional, nova literatura de viagens e o tema da viagem na literatura interseccionam-se com a prática do turismo. Casas de escritores, locais em que viveram, lugares que frequentaram, países por onde viajaram, assim como personagens, eu-líricos, musas e cenários literários podem oferecer representações que acrescem valor turístico a determinados lugares e alimentam o desejo de visitá-los, o que se configura na prática do turismo literário. De acordo com Harald Hendrix (2014, p. 23), em “Literature and tourism: Explorations, reflections, and challenges”, tais textos sempre existiram, embora não tenham sido explicitamente concebidos para obter esse efeito.

No contexto brasileiro, que aqui nos interessa, vamos nos deter em impressões de viajantes e poetas dos séculos XIX e XX que escreveram sobre Ouro Preto, nas lendas em torno dos amores do poeta neoclássico Tomás Antônio Gonzaga e Maria Doroteia de Seixas, ou Dirceu e Marília, além da Semana Santa em Ouro Preto, a partir do olhar da poeta-viajante Cecília Meireles.

## 2. Ouro Preto, por Manuel Bandeira e Cecília Meireles

Manuel Bandeira e Cecília Meireles criaram itinerários de visita à cidade mineira. Manuel Bandeira escreve: “Da Vila Rica de Albuquerque a Ouro Preto dos estudantes” e “O Aleijadinho”, que compõem o volume *Crônicas da Província do Brasil*, cuja primeira edição é de 1937. No ano seguinte, esses textos se amalgamam para dar origem ao *Guia de Ouro Preto*, ainda hoje editado. O Guia foi uma solicitação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual Instituto (IPHAN), criado em 1937, no Governo Vargas. Em 1941, o artigo “Ouro Preto, a antiga Villa Rica”<sup>1</sup>, adaptado do *Guia de Ouro Preto*, é publicado na revista *Travel in Brazil* (vol. 1, nº 4), editada por Cecília Meireles, em inglês, e financiada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) de Vargas.

Em 1942, Cecília Meireles publica, na *Travel in Brazil* (vol. 2, nº 4), o artigo “Semana Santa em Ouro Preto”. Esse tema irá reaparecer em 1964, na Folha de S. Paulo, na crônica “Semana Santa”, republicada em *Crônicas de Viagem 3*, de 1999. Ouro Preto é também o cenário de *Romanceiro da Inconfidência*, de 1953. O poeta Gonzaga é tema da crônica “A casa e a estrela”, publicada no *Diário de S. Paulo*, também em 1953, e na coletânea *Crônicas de Viagem 2*, de 1999.

De acordo com Manuel Bandeira, no *Guia de Ouro Preto*, o registro de viajantes sobre essa cidade remonta ao período colonial. O primeiro relato pormenorizado foi feito pelo jesuíta florentino Antonil, que lá esteve por volta de 1708, no auge do período da extração do ouro, quando Vila Rica era ainda um arraial, sem as construções de pedra que a transformaram em patrimônio histórico. No início do século XIX, ainda passaram por lá Mawe, Saint-Hilaire, Lucock, Walsh, Gardner, Castelnau,

Milliet de Saint-Adolphe e Burton, este viajante inglês foi quem deixou registros mais extensos sobre Ouro Preto.

No período moderno, a viagem emblemática à Ouro Preto foi realizada em 1924 pelo poeta Blaise Cendrars, acompanhado por Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, entre outros. Fascinaram-se com a arquitetura barroca e com as obras de Aleijadinho. O poeta franco-suíço chegou a anunciar em posteriores viagens ao Brasil, durante entrevista com Sérgio Buarque de Holanda em 1927<sup>2</sup>, e em carta endereçada a Carlos Drummond de Andrade em 1930<sup>3</sup>, a escritura de um romance histórico baseado em Aleijadinho, cujos originais ainda não foram localizados. Essa viagem de 1924, Mário de Andrade chamou de “redescoberta do Brasil” e, a partir dela, também as cidades históricas vizinhas foram instituindo-se como lugares a serem preservados e conhecidos. *O Guia de Ouro Preto* inscreveu o itinerário feito pelos poetas modernistas nos focos do turismo do patrimônio cultural e literário e inclui informações sobre Mariana, Congonhas do Campo, Sabará e São João d’El-Rei.

Vamos nos centrar aqui em basicamente três aspectos. Em primeiro lugar, nas impressões gerais da cidade e no seu histórico, comparando entre si as três versões em que Bandeira as registra, bem como com as impressões de Cecília Meireles. Pretendemos também comparar a linguagem de apelo turístico e de proselitismo do Governo Vargas, presentes nos textos publicados na *Travel in Brazil*, com o tom mais informativo e livremente opinativo que Bandeira manifesta na crônica “De Vila Rica de Albuquerque a Ouro Preto dos estudantes” (1937) e no *Guia de Ouro Preto* (1938).

O segundo aspecto a ser discutido diz respeito às versões em torno da vida de uma das personagens emblemáticas de Ouro Preto e da Literatura de Língua Portuguesa, a Marília de Dirceu,

<sup>1</sup>A tradução dos artigos da revista *Travel in Brazil*, do inglês para o português, foi realizada por uma equipe composta por Luís Antônio Contatori Romano, Camila Solino Rodrigues, Isamara Rocha Jucá e Bianca de Paula Santis Costa.

<sup>2</sup>Eulálio, 2001, p. 418.

<sup>3</sup>Eulálio, 2001, p. 76.

recriação romântica que amalgama a musa Marília, das *Liras* de Tomás Antônio Gonzaga, à personagem histórica de Maria Doroteia de Seixas. Para isso será fundamental a mediação das reflexões apresentadas por Ana Cristina Magalhães Jardim (2014) e a interlocução com outros autores que tratam do destino de Marília de Dirceu, tais como Richard Burton, Olavo Bilac, Thomas Brandão e Cecília Meireles.

Por fim, iremos abordar possíveis diferenças entre as representações da Semana Santa de Ouro Preto registradas por Cecília Meireles no texto publicado na *Travel in Brazil*, de 1942, e na crônica “Semana Santa”, publicada em 1964.

### 3. Impressões de Ouro Preto por Manuel Bandeira e Cecília Meireles e o olhar estrangeiro

Em “De Vila Rica de Albuquerque a Ouro Preto dos Estudantes”, que compõe *Crônicas da Província do Brasil* (2006 [1937], p. 13), assim Bandeira introduz a cidade mineira ao leitor, parágrafo idêntico encontramos no *Guia de Ouro Preto* (2015 [1938], p. 43):

Não se pode dizer de Ouro Preto que seja uma cidade morta. Morta é São José d’El-Rei<sup>4</sup>. Ouro Preto é a cidade que não mudou, e nisto reside o seu incomparável encanto. Passada a época ardente da mineração (em que foi de resto um arraial de aventureiros, a sua idade mais bela como fenômeno de vida), e a salvo do progresso demudador pelas condições ingratas da situação topográfica, Ouro Preto conservou-se tal qual, em virtude mesmo da sua pobreza, aquela pobreza que já por volta de 1809, se-

gundo depoimento de Mawe, fazia, por escárnio, trocaram-lhe em Vila Pobre o nome de sua fundação em 1711, que era o de Vila Rica de Albuquerque.

E assim Manuel Bandeira inicia o artigo “Ouro Preto, a Antiga Villa Rica”, publicado na *Travel in Brazil* (vol. 1, nº 4, 1941):

Ouro Preto, anteriormente chamada de Villa Rica, é uma cidade que, por quase um século após sua fundação não mudou, e assim tem sido capaz de preservar todo encantamento de sua antiga arquitetura. Depois de uma época ardente de explorações aventureiras (1698-1720) ter passado, a cidade, que naquele tempo era apenas uma coleção de ruínas e barracos erguidos pelos garimpeiros rudes, construiu os primeiros prédios de pedra e durante a segunda metade do século adquiriu o aspecto arquitetônico que se apresenta hoje em dia, por conta da pobreza resultante da decadência da produção de ouro de aluvião.

Os textos de 1937 e de 1938 já se iniciam com a preocupação de modalizar uma adjetivação, corrente, de valor negativo sobre Ouro Preto: “*não se pode dizer que seja uma cidade morta*”, e, para reforçar a ideia de que a estagnação da cidade (“não mudou”) realça sua beleza (“incomparável encanto”), emprega uma comparação com Tiradentes (“Morta é São José d’El-Rei”), que seria verdadeiramente uma cidade morta! No texto de 1941, destinado ao olhar estrangeiro, Bandeira inicia evocando não a estagnação e pobreza da cidade, mas a sua grandeza passada, já presente no antigo nome: Villa Rica, incluído no título do texto. Prossegue Bandeira em seu entusiasmo: a estagnação permitiu que Ouro Preto preservasse o “encantamento da arquitetura antiga”, que remete

<sup>4</sup>Um dos antigos nomes da atual cidade de Tiradentes, vizinha a São João d’El-Rei, em Minas Gerais

a uma “época de ardentes explorações aventurosas”. Linguagem que, de comedida sobre o estado da cidade, passa a ser carregada de termos que evocam impressões sedutoras para o turista: “encantamento”, “ardentes”, “explorações aventurosas”.

Em ambos os textos, Bandeira explica que a decadência da mineração foi a responsável pela cidade manter seu atual aspecto, pois não havia dinheiro para novas construções, e, as poucas que há, contrastam com a beleza da arquitetura antiga. Porém, no texto destinado ao olhar turístico, Bandeira exclui a referência ao escárnio de Mawe relativo à troca do nome para Vila Pobre, que refletiria a realidade da cidade decadente.

Na crônica “Semana Santa em Ouro Preto” (it *Travel in Brazil*, vol. 2, nº 4, 1942), Cecília Meireles, como Manuel Bandeira no texto para essa revista, inicia remetendo-se à origem da cidade nos esplendores da mineração:

Ouro Preto, cujo nome de hoje resulta e conserva tradições de riqueza e pompa, é a antiga “Vila Rica”, Capital do Estado de Minas Gerais, cujo nome também recorda os esplendores da mineração, que ocorreram durante o século 18; mas, da suntuosa pompa de dias passados, a cidade não tem mais nada, exceto a sua fisionomia arquitetônica, um punhado de poesias e lendas trágicas.

Meireles também põe em evidência o antigo nome da cidade, Vila Rica, e o fato de conservar tradições de sua riqueza passada. Emprega expressões como: “esplendores da mineração”, “suntuosa pompa”, “punhado de poesias e lendas trágicas”. Todas de apelo a aspectos singulares e pitorescos do lugar, atrativos turísticos.

Bandeira cita, em francês, versos do poeta parnasiano do século XIX, Sully Prudhomme, tanto no

texto de *Crônicas da Província do Brasil*, de 1937, quanto no da *Travel in Brazil*, de 1941; no *Guia de Ouro Preto* (2015, p. 44) aparecem apenas os dois primeiros versos:

Je n'aime pas les maisons neuves,  
Leur visage est indifférent.  
Les anciennes ont l'air de veuves  
Qui se souviennent en pleurant<sup>5</sup>.

Versos que reforçam a lírica melancolia da cidade, paralisada no tempo. Também Cecília Meireles evoca a imagem da cidade perenal, mas sugere certo frescor na paisagem bucólica que a cerca:

Ouro Preto! Isso é Ouro Preto. Um ar de tristeza, de uma era sonhadora, quando o luar banha os topos das colinas com Igrejas de torres gêmeas, cobre as antigas casas em ruínas e desce com os rios de águas tranquilas, que fluem lentamente sob as pontes de pedra com suas cruzes para proteger o viajante.

Após citar Prudhomme, em passagens idênticas de *Crônicas da Província do Brasil* e do *Guia de Ouro Preto*, Bandeira comenta o mau gosto das construções recentes na cidade, que procuram imitar as antigas, contrapõe a essa arquitetura de imitação a solidez dos edifícios coloniais e polemiza com o viajante francês Saint-Hilaire:

Há em algumas dessas casas novas a intenção de retomarem o estilo das velhas. Mas falta a essa arquitetura de arremedo o principal em tudo, que é o caráter. Essa maneira arbitrária e enfeitadinha que batizaram de estilo neocolonial, tomou à velha construção portuguesa uma meia dúzia de detalhes de ornato, desprezando por completo a lição de força, de tranquila dig-

<sup>5</sup>Os versos são traduzidos pelo editor na edição de 2006 de *Crônicas da Província do Brasil*: “Não gosto das casas novas:/ Seu rosto é indiferente./ As antigas têm ar de viúvas/ Que recordam chorando”.

nidade que é a característica do colonial legítimo. Vão ver o vestíbulo do solar do Saldanha na Bahia: é, como de resto o exterior, de uma severidade quase dura. São assim os edifícios públicos e as velhas casas solarengas de Ouro Preto. Saint-Hilaire quando viu o Palácio dos Governadores achou até que não era palácio nem nada. “Esse pretense palácio”, disse ele, “apresenta uma massa de edificações pesadíssimas demais e de mau gosto.” Pode ser que eu esteja errado, mas o mau gosto me parece que é do francês. O caráter do palácio convinha muito bem a uma construção destinada a servir de residência fortificada e daí o seu aspecto de castelo-forte. (Bandeira, 2006, p. 14)

Na *Travel in Brazil* (vol. 1, nº 4, 1941), Bandeira também comenta a arquitetura colonial, mas sem dar destaque às construções novas, de imitação, e faz referência à transformação de Ouro Preto em monumento nacional. Observemos também a comparação de sentido metafórico:

As novas casas depreciam a beleza geral da cidade, mas elas não são numerosas o suficiente para destruir a admirável unidade arquitetônica de Ouro Preto. É possível dizer que a antiga capital de Minas Gerais é talvez a única cidade destinada a manter-se como uma relíquia do nosso passado gravado nas pedras. O governo do Dr. Getúlio Vargas decretou a consagração da cidade como Monumento Nacional; colocando-a sob a vigilância do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, onde estará salva de demolições e restaurações desfigurantes.

Como Bandeira, também Cecília ressalta a

transformação da cidade em patrimônio histórico:

Para preservar esse conjunto arquitetônico harmônico, que reproduziu, em meio ao cenário de altas montanhas escuras, uma montanhosa Vila Portuguesa, com telhados graciosos e elegantes janelas - Ouro Preto foi convertida pelo Governo em uma Cidade Museu, um monumento nacional, proibindo quaisquer novas construções ou demolições que possam desfigurar sua beleza e valor histórico. (Meireles. *Travel in Brazil*, vol. 2, nº 4, 1942)

No texto de Bandeira, para a *Travel in Brazil*, sobressai a metáfora poética justaposta à intenção propagandística. Chama a atenção em trecho transcrito acima, a metáfora da “relíquia do nosso passado gravado na pedra”: as construções antigas prolongam a presença do passado até nossos dias, preservado na matéria dura e fria da pedra sua beleza arquitetônica. Por isso, Ouro Preto não seria uma cidade morta, mas sua história parece se fixar, viva, na pedra. Essa metáfora da pedra como elemento “eternizador”, símbolo da permanência da arte, aproxima Bandeira de Cecília Meireles. Assim, Bandeira apela para uma linguagem literária para atrair o olhar do turista estrangeiro, mas a beleza que este poderá ver, gravada na pedra, só se faz possível graças ao ditador Vargas, que protegeu a cidade colonial de “demolições e restaurações desfigurantes”. Interessante notar que Bandeira não insere no texto da *Travel in Brazil* a polêmica com o olhar estrangeiro de Saint-Hilaire, seria realçar o contraste do antigo com as construções novas, minimizar o cenário pitoresco e, talvez, desinteressar o turista.

#### 4. Marília de Dirceu

Em *Crônicas da Província do Brasil*, de 1937, Bandeira relativiza a grandeza literária, e lendária, dos amores de Gonzaga e Maria Doroteia, cujas ressonâncias e ressignificações aparecem na obra de poetas posteriores, especialmente entre românticos:

Os poetas fazem esforços desesperados para manter em alguma consistência a lenda dos amores do dr. Gonzaga. Mas parece que não bastam para isso os versinhos e bordados do desembargador. A lenda cada vez mais se esboroa, tal como as paredes da casa de Marília. Os amores de Dirceu e Marília foram afinal um namoro meio sem graça que não dá para ambientar passionadamente a cidade de Albuquerque. (Bandeira, 2006, p. 23)

Em seguida, Bandeira se limita a reproduzir informações de Burton a respeito do destino de Maria Doroteia, noiva de Gonzaga, e a cuja imagem se amalgama a da musa poética Marília, das *Liras*: “A respeito de Marília consigna que se casou e foi mãe de três filhos, um dos quais era o dr. Anacleto Teixeira de Queiroga. ‘Talvez agora seja ela mais conhecida como a mãe do dr. Queiroga.’” (Bandeira, 2006, p. 31)

Se nas *Crônicas*, Bandeira parece aderir, eufemisticamente, à versão de Burton – que escreveu que Maria Doroteia teria sido mãe de três filhos naturais –, no *Guia de Ouro Preto*, do ano seguinte, ele procura retificá-la:

A informação do inglês [Burton] aqui é errada, e parece que no seu erro se fundaram outros escritores que têm tratado da noiva de Tomás Antônio Gonzaga, entre estes Olavo Bilac no seu livro *Crítica e fantasia*. Tomás Brandão restabeleceu a verdade em sua obra

*Marília de Dirceu*, provando ter havido confusão de Marília com sua irmã Emerenciana. (2015, 38)

Assim Burton descreve a casa onde nasceu Maria Doroteia e viveu até a morte: “No fundo da depressão ao pé da montanha, e tendo atrás árvores frondosas, há um prédio sem beleza, comprido, baixo, coberto de telha e caiado de branco, muito parecido com uma confortável casa de fazenda.” (2001, p. 432). Em seguida, o viajante inglês conta a versão que conheceu da história de Maria Doroteia:

Um certo Dr. Queiroga, Ouvidor de Ouro Preto, teve a honra de suplantar o poeta Gonzaga, mas não com ternura legalizada. Dele, D. Maria Dirceu, como era chamada, teve três filhos: Dr. (M. A.) Anacleto Teixeira de Queiroga; D. Maria Joaquina e D. Dorotéia, todos de olhos azuis e cabelos louros. Em Ouro Preto ela é hoje, talvez, mais conhecida como a mãe do Dr. Queiroga. Nos últimos anos, viveu reclusa, só saindo de casa para ir à igreja, e morreu (1853), com a idade de oitenta anos. Em seu leito de morte, disse ao confessor: “Ele foi separado de mim quando eu tinha 17 anos.” (Burton, 2001, p. 432)

Como lembra Manuel Bandeira, no *Guia de Ouro Preto*, Olavo Bilac também se ocupa do destino da musa de Gonzaga. Na crônica “Marília”, de *Crônicas e novelas*, obra publicada em 1893/94, Bilac conta uma viagem que fez a Ouro Preto. Adentrando as ruas do bairro de Antônio Dias, vê, pela primeira vez, a casa em que morou Marília de Dirceu, idealiza-a “como um palácio”, o que contrasta com a descrição de um prédio sem beleza, confortável casa de fazenda, que dela faz o inglês Burton. Assim Bilac descreve a casa de Marília:

Casa nobre, que emerge de entre as

vizinhas quase como um palácio, hoje toda azul, olhando para o bairro de Ouro Preto por oito janelas, - foi nela que D. Doroteia de Seixas apareceu pela primeira vez ao poeta, e nela que a Musa, enquanto o seu cantor no degredo bárbaro enlouquecia e morria, viveu, monotonamente, até os oitenta e quatro anos. (Bilac, 2014, p. 7)

Se Burton situa a casa de Maria Doroteia em cenário bucólico, próprio, aliás, de amores pastoris, Bilac a ressitua em cenário romântico: casa nobre, que se destaca na paisagem, janelas onde a musa se mostrava ao amante, acentua a atmosfera trágica de amores irrealizados: degredo bárbaro, loucura, morte e solidão. Aliás, a contemplação de Bilac diante da casa de Marília lembra a de Almeida Garrett diante da casa onde teria vivido Joanhina, em *Viagens na minha terra*.

Cecília Meireles (1999a, p. 182), na crônica “A casa e a estrela”, faz apenas uma referência explícita à musa de Gonzaga: “Não; Marília não lhe cerrará os olhos, mas ficará imortalizada pela sua lira. Seu privilégio será esse.” Assim, a poeta substitui a mulher, Doroteia, pela musa lírica, Marília. É a musa que se imortaliza nas *Liras* e seria dela que se esperaria que acompanhasse o poeta no degredo até a morte dele? Meireles provoca assim um distanciamento entre musa e noiva real, sutilmente dialogando com a polêmica em que Lopes de Mendonça e, indiretamente, Bilac e Bandeira censuram a mulher Doroteia por não corresponder ao papel que lhe cabia como Marília, musa do eulírico de Gonzaga, o Dirceu das Liras, e dos românticos e pós-românticos que amalgamaram pessoa real e musa literária.

No *Romanceiro da Inconfidência*, Cecília Meireles retoma a lenda dos amores platônicos, e eternos para a poesia, de Gonzaga e Maria Doroteia. No poema “Retrato de Marília em Antônio Dias”, apresenta a musa envelhecida, entretida ao mesmo tempo em orações e lembranças na igreja Matriz

de Antônio Dias, onde será sepultada. A imagem poética construída por Cecília aproxima-se daquela descrita por Burton sobre a velhice reclusa de Maria Doroteia, como também da descrição que dela faz, envelhecida, Olavo Bilac. No entanto, a reiterada lembrança de Gonzaga por uma Marília contrita e religiosa parece dar complexidade psicológica à personagem, como se a devoção religiosa fosse uma tentativa de conter a lembrança, que permanece incontrolável até a morte, sugerida pelas rimas *pensamento/memento/pavimento*. Assim, Cecília consegue, sutilmente, sublimar Marília em relação aos dois estereótipos que a crítica e a poesia romântica dela fizeram: a musa eterna e casta e aquela que, fria, nega-se a acompanhar o amado no exílio em Moçambique e refaz, ilícitamente, sua vida amorosa:

Corpo quase sem pensamento,  
amortalhado em seda escura,  
com lábios de cinza murmura  
“memento, memento, memento...”

Ajoelhada no pavimento  
Que vai ser sua sepultura.  
(Meireles, 1989, p. 264.)

Recentemente, a pesquisadora Ana Cristina Magalhães Jardim (2014) reacendeu as incertezas sobre os limites entre a realidade e a lenda dos amores de Maria Doroteia-Marília e de Gonzaga-Dirceu. Ana Jardim procurou distinguir o mito literário de Marília da pessoa de Maria Doroteia: retoma a versão que Burton, em parte, ouvia em sua viagem por Minas Gerais em 1867, e em parte, leu em *Memórias da Literatura Portuguesa*, de Lopes de Mendonça. Lembremos que Manuel Bandeira reproduz a versão de Burton em *Crônicas da Província do Brasil*, modificando-a no ano seguinte para o *Guia de Ouro Preto*, obra de encomenda para um órgão público do Governo Vargas. A nova versão é baseada na biografia *Marília de Dirceu*, de Thomas Brandão, publicada em 1932,

que era descendente da família de Maria Doroteia e talvez desejasse reabilitá-la. Ana Jardim, a despeito das polêmicas sobre o destino de Maria Doroteia de Seixas considera que o Governo Vargas contribuiu para criar o mito romântico do casal Maria Doroteia e Gonzaga, inclusive quando, em 1944, repatriou os restos mortais de Gonzaga, e em 1955, ambos passaram a repousar no Museu da Inconfidência.

As *Liras de Marília de Dirceu*, de Gonzaga, foram publicadas ainda em 1792, mesmo ano da partida de Gonzaga para o exílio. A obra teve inúmeras edições em Portugal e foi um dos primeiros livros editados no Brasil após a chegada da Corte Portuguesa em 1808. Conforme relato de Beatriz Brandão, prima em primeiro grau de Maria Doroteia, muitas pessoas iam a Ouro Preto para ver a Marília de Dirceu, mas Doroteia, mulher já idosa, fechava-se em casa (Jardim, 2014, p. 123).

A vinculação da pessoa de Maria Doroteia à musa lírica Marília, com a conseqüente desconsideração da pessoa real em detrimento da poética, seria construção romântica. Ana Jardim considera que muitas lacunas permanecem a respeito da vida de Maria Doroteia. E as lacunas fazem aumentar o interesse por sua figura lendária, tornando-a também objeto do olhar turístico, embora, sem o apelo romântico de Romeu e Julieta em Verona. Marília era musa neoclássica, sem arroubos de paixão, sem suicídios, sem enlouquecimentos, sem castidade para preservar-se para amores no Além.

## 5. A Semana Santa de Ouro Preto

Um tema particularmente caro a Cecília Meireles é o da Semana Santa em Ouro Preto: “essa cidade religiosa, fechada em sua reticência grave, não foi até agora devorada pelos olhos curiosos, que, procurando sensações, viajam por todas as terras e os mares do mundo” (*Travel in Brazil*, vol. 2, nº 4, 1942).

Cecília descreve dia a dia, as atividades religiosas da Semana Santa. No Domingo de Ramos, situa-se na Praça Tiradentes, de onde avista a primeira procissão, que parte da Igreja de Nossa Senhora das Mercês. A poeta enfatiza a mistura de raças, classes sociais, pessoas doentes e saudáveis em purgação pela culpa do sofrimento de Jesus:

Ricos e pobres, saudáveis e doentes, branco, preto, mulatos, casais idosos, todos seguiam juntos, na lenta, desajeitada, corrente humana. Enquanto a escuridão espessava, as pessoas acendiam suas próprias velas, que eram protegidas por cones de papel. Essas luzes extras, lançadas nos rostos angustiados dos principais personagens do cortejo, cujos rostos, verdadeiramente tristes, como se Jesus estivesse vivo ao seu lado, condenado por eles, e para ser crucificado por eles. (it *Travel in Brazil*, vol. 2, nº 4, 1942)

Se nesse texto de 1942, há certa ênfase na mistura de pessoas que se solidarizam no sofrimento e na culpa, em pacífica contrição, parece ser outro o tom de Cecília Meireles na crônica “Semana Santa”, publicada na *Folha de S. Paulo*, de 31 de março de 1964, e em *Crônicas de Viagem 3*, de 1999:

Penso agora numa Semana Santa de Ouro Preto, recorro a melancolia das igrejas, na cidade contrita. Posso ver a multidão comprimir-se para assistir à Procissão do Encontro: no alto dos andores, o rosto da Virgem é uma pálida flor, e a cabeça de Cristo, inclinada, balança os cachos do cabelo ao sabor da marcha, com um ar dolente de quem vai por um caminho inevitável. O pregador começa a falar, explicando aquela passagem do Evangelho, exorta os fiéis à contemplação da-

quela cena, cuja significação mais profunda procura traduzir. Mas o povo já está todo comovido: as velhinhas choram, as crianças fazem um beicinho medroso e triste e as moças ficam pensativas, porque – embora em plano divino – os fatos se reduzem à desgraça cotidiana, que elas conhecem bem, de um filho que vai morrer, e cuja mãe não o pode salvar, e que ali se despedem, uma com o peito atravessado de punhais, outro com a sua própria cruz às costas. O povo é bom, o povo quereria que todas as mães e todos os filhos fossem felizes, e se pudessem socorrer, e não morressem nunca, e principalmente não morressem dessa maneira, pregados a cruzes transportadas nos próprios ombros. (Meireles, 1999b, p. 275)

A expressão “o povo é bom...” se repete durante toda a crônica, revelando a contrição diante da lembrança do sofrimento de Cristo, mas também resignação em seu próprio sofrimento, que é infinitamente menor que o do Salvador, sempre enfatizado na ladainha do padre: “Conheceis uma dor igual à minha?” (1999, p. 276). Ressonância medieval na Semana Santa de Ouro Preto. Umberto Eco (2014, p. 56), em *História da feiura*, lembra que, “no mundo cristão, a santidade nada mais é que a imitação de Cristo”. Considera que o sofrimento de mártires, eremitas e penitentes deve ser compreendido como infinitamente menor que o de Cristo, o que se expressa na arte medieval, em que é raro o humano ser representado tão enfeado pelos tormentos como Cristo. Assim, o fiel culpa-se por seu sofrimento nunca se igualar ao Dele e atormenta-se com o inevitável triunfo da morte e a perspectiva do Juízo Final. Na crônica de Cecília Meireles, nas imagens pesadas, feias, que hiperbolizam o sofrimento da Sagrada Família, o povo se reconhece em experiência catártica,

mas o sofrimento humano, que, como ela acentua, “eles conhecem bem”, é minimizado diante do de Cristo, e assim o fiel se resigna em sua “bondade”.

Sem a incumbência de escrever para alegres turistas, ávidos de exotismos, Cecília Meireles, empregando a sutil ironia que lhe era característica, assim termina o registro de suas lembranças da Semana Santa de Ouro Preto: “O povo bom sofre uma vez por ano, intensamente, seu compromisso de ser bom, de ser melhor, cada dia mais, para sempre. O destino do homem é ser bom. Sua felicidade está em consegui-lo, mesmo – ou principalmente – sofrendo.” (Meireles, 1998, p. 277)

Como não ver nesse texto de Cecília Meireles correspondência com o catártico ritual dos seringueiros do Alto Purus no Sábado de Aleluia, tal como relata Euclides da Cunha no conto “Judas Ahsverus”, de *À Margem da História*. Se na Procissão do Domingo de Ramos, o povo bom se resigna a sofrer porque sua dor é ínfima diante do Deus Homem, nos seringais da Amazônia, o homem isolado constrói o Judas à sua imagem e semelhança para punir-se ao puni-lo.

## 6. Ouro Preto e seus itinerários turísticos

Harald Hendrix (2014, 20), pensando nas relações entre literatura e turismo, considera que em certos períodos históricos, os leitores interessam-se por ligar literatura com locais e objetos relacionados com seus autores favoritos, entre esses lugares de memória literária, destacam-se sepulturas, casas, mas também paisagens e cidades imaginativamente evocadas pela vida de escritores ou de suas personagens, o que desperta o desejo de visitá-las e contemplá-las através de perspectivas literárias. Assim, há lugares associados a memórias literárias, que se tornam objetos do olhar turístico. Por exemplo, na crônica “A Casa e a Estrela”, de 1953, Cecília Meireles (1999a, 181) registra seu itinerário entre Lisboa e o Porto para encontrar, em Mira-

gaia, a casa em que o poeta Gonzaga passou sua infância:

A casa é alta, de dois andares, sobre os grossos arcos verdejantes. Alta e estreita, branca e azulada, com vidraças de muitos recortes. Feminina e graciosa. Naturalmente, não será como foi. Ou será? Não ficaria mal em Ouro Preto, com sua sacada de ferro corrida, com seu beiral, com seu ar de discreta solidão.

Cecília Meireles pretendia destinar a revista *Travel in Brazil* a um turista de certa erudição, de formação literária ou, pelo menos, interessado em conhecer traços da cultura do outro, o qual a poeta distinguia do turista comum por meio do emprego do substantivo “viajante”, que parece evocar práticas mais arcaicas, como a do peregrino, mas de uma espécie mais laica de peregrino, cuja epifania é despertada sobretudo por vivências singulares no mundo sensível. Também nos textos de Manuel Bandeira, encontramos o perfil de um leitor que poderá ser um viajante, na acepção que lhe dá Cecília Meireles (1999a) em crônicas como “Roma, Turistas e Viajantes”: aquele que se detém em contemplar, demoradamente, paisagens, costumes, pessoas, monumentos históricos, obras de arte, locais de vivência ou de passagem de escritores, livros antigos, velhas receitas culinárias ou farmacêuticas... em oposição à pressa e à alegria do turista por tudo ver e tudo fotografar. Viajante contemporâneo em busca de “viagens culturais”, que, para Cristóvão (2009, p. 16), observa “os monumentos, as artes, os espetáculos, a história, a cultura, a mentalidade, os costumes dos países”. Ou, ainda empregando a tipologia de Cristóvão, os textos de Bandeira dialogam com viajantes que procuram conhecer o país, como o fizeram Saint-Hilaire, Richard Burton ou Olavo Bilac.

Cecília Meireles também tece, no texto da *Travel in Brazil* sobre a Semana Santa, um itinerário para o tipo que Cristóvão (2009, p. 16) nomeia

de “viagens de turismo religioso”: “Já não é só a romagem piedosa aos lugares santos, mas uma associação da visita religiosa com turismo, pelas cidades de passagem, com visita a seus monumentos e arte, em especial”.

Em Ouro Preto, paisagem bucólica, história, patrimônio artístico, versões sobre Marília-Doroteia de Dirceu-Gonzaga e cerimônias da Semana Santa se integram para constituir diferentes possibilidades de itinerários turísticos, mas em uma cidade em que os serviços para esse fim ainda não foram completamente modernizados.

Diferentemente do início da década de 1940, quando Cecília Meireles refere-se, na *Travel in Brazil*, à construção do Grande Hotel de Ouro Preto, primeiro hotel em moldes modernos da cidade - projetado em 1938 por Oscar Niemeyer e com jardins do paisagista Burle Marx, ainda preservado e em funcionamento -, esta desfruta hoje de uma rede hoteleira considerável. Também o casario do século XVIII e as íngremes ruas de pedra estão em ótimo estado de conservação. É um prazer que podem desfrutar diferentes tipos de turistas, principalmente sob a meia-luz da iluminação noturna, passear pelo centro histórico de Ouro Preto, parar em seus bares e restaurantes para degustar da cozinha mineira, uma das melhores do Brasil. No entanto, muitos serviços turísticos ainda estão precariamente desenvolvidos na cidade. Por exemplo, a antiga casa do poeta Tomás Antônio Gonzaga hoje abriga a sede da Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio de Ouro Preto, aberta à visitação pública, mas com poucas referências ao poeta. A casa em que viveu Maria Doroteia, noiva de Gonzaga, o antigo Solar da Família Ferrão, hoje abriga a sede do Clube XV de Novembro, com um bar popular e um salão de sinuca no piso térreo. No solar, do século XVIII, não há nenhuma referência à musa literária além do Chafariz, com detalhes de Aleijadinho, colado a um de seus muros e do Largo próximo, que receberam o nome de Marília de Dirceu.

O relativo esquecimento ao poeta e a sua musa

em Ouro Preto lembram-me da relação de Praga com Franz Kafka na década de 1990, quando visitei pela primeira vez a cidade, e Kafka ainda era ofuscado pela ideologia soviética que fazia dele um escritor da decadência. Nessa época, Kafka parecia ser um estrangeiro em Praga, paulatinamente sua figura foi se associando ao turismo local: já no início dos anos 2000, a casinha onde viveu temporariamente nos arredores do Castelo de Praga e outros locais associados à figura do escritor tornaram-se objeto de visita turística. Espalharam-se imagens de Kafka pela cidade, multiplicaram-se os mais variados tipos de *souvenirs* a ele relacionados. Claro, Kafka é um escritor universal, Gonzaga é conhecido entre leitores de Língua Portuguesa, no entanto pode haver também um potencial turístico a ser explorado entre viajantes de formação literária ou entre aqueles que buscam vestígios do Ciclo do Ouro no Brasil Colonial ou da chamada Inconfidência Mineira. Apenas em termos do mercado turístico brasileiro, Ouro Preto está interligada as quatro principais metrópoles do país: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília.

Além da pouco explorada possibilidade turística relativa à casa do poeta e de sua musa, há ainda uma incipiente logística de serviços em Ouro Preto: os passeios guiados pelos principais monumentos históricos ainda são realizados por guias autônomos, que, na Praça Tiradentes e nas portas dos principais hotéis, abordam, às vezes ostensivamente, turistas para oferecer seus serviços. Não há ainda itinerários modernamente organizados pela cidade, situação essa muito distante do que ocorre em grandes centros de visita europeus, onde, comumente, há estruturas organizadas para informações e vendas de passeios guiados. A diferença na organização de serviços turísticos é abismal, por exemplo, entre Ouro Preto e Bordeaux, onde basta se dirigir ao centro de informações turísticas local para obter detalhadas informações em várias línguas e adquirir magníficos passeios vinícolas, gastronômicos e paisagísticos pelos arredores da cidade.

Em Ouro Preto também não há a possibilidade de aquisição de algum tipo de passe para visitar as atrações turísticas, todas as igrejas e museus cobram seus ingressos individualmente. Outro atrativo da cidade é a Mina de Chico Rei, ex-escravo que comprou a própria liberdade, assim como a de outros escravos de sua tribo africana nativa, e adquiriu o direito de explorar a Mina da Encardeira, que hoje leva seu nome. História essa de origem popular e literária que é recontada por Manuel Bandeira no *Guia de Ouro Preto*. No entanto, o ingresso à mina, hoje inativa, é de controle privado, o preço parece ser flexível, estabelecido de acordo com a boa vontade e simpatia do controlador. E não há guia para acompanhar o percurso do turista, antes do ingresso, este, em geral, ouve uma versão, em estilo “romântico”, da história de Chico Rei contada pelo próprio controlador.

Embora Ouro Preto seja reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco desde 1980 e declarada monumento artístico nacional em 1938, pelo atual IPHAN, o que muito contribuiu para a preservação de seu conjunto artístico e arquitetônico, há necessidade de modernização dos serviços turísticos para que a cidade possa desenvolver seus reais potenciais de atração de turistas brasileiros e estrangeiros.

## Referências

- Bandeira, M. (1941). Ouro Preto, a antiga Villa Rica. *Travel in Brazil*, vol. 1, nº 4. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa e Propaganda.
- Bandeira, M. (2006). *Crônicas da Província do Brasil*. São Paulo: Cosac Naif.
- Bandeira, M. (2015). *Guia de Ouro Preto*. São Paulo: Global.
- Benjamin, W. (1987). O narrador. *Obras Escolhidas I*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense.
- Bilac, O. (2014). *Crônicas e novelas*. 2014. São Paulo: Poeteiro Editor Digital. Acessado em 22/11/2016, em <http://www.poeteiro.com>.

- Burton, R. F. (2001). *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Trad. De David Jardim Júnior. Brasília: Senado Federal.
- Cristóvão, F. (Coord.) (2002). *Condicionantes culturais da literatura de viagens*. Coimbra: Almedina.
- Cristóvão, F. (Coord.) (2009). it *Literatura de viagens – Da tradicional à nova e à novíssima*. Coimbra: Almedina.
- Eco, U. (Org.) (2014). *História da feiura*. Rio de Janeiro: Record. Eulálio, Alexandre (2001). it *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo: Edusp-Fapesp- Imprensa Oficial do Estado.
- Hendrix, H. (2014). *Literature and tourism: Explorations, reflections, and challenges*. Quinteiro, Sílvia & Baleiro, Rita (Orgs.). *LIT&TOUR Ensaios sobre literatura e turismo*. Famalicão: Edições Húmus.
- Jardim, A. C. M. (2014). *O mito de Marília de Dirceu – 1792 a 1889: aspectos da construção e da apropriação de heróis românticos e o processo de formação da Nação Brasileira*. Dissertação de Mestrado em História. Mariana: Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).
- Meireles, C. (1942). *Semana Santa em Ouro Preto. Travel in Brazil*, vol. 2, nº 4. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa e Propaganda.
- Meireles, C. (1998). *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Meireles, C. (1999a). *Crônicas de viagem 2*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Meireles, C. (1999b). *Crônicas de viagem 3*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Saint-Hilaire, A. (1941). *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil*. Trad. De Leonam de Azeredo Pena. São Paulo: Companhia Editora Nacional.